



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Entre a transculturação e o hibridismo: uma questão de identidade para a América Latina¹

Maurício de Bragança

Pós Graduação em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense

Resumo:

A América Latina sempre se debateu com a questão da diversidade ao pensar a sua própria identidade, colocada desde o projeto de Colonização. As múltiplas experiências latino-americanas nem sempre estiveram representadas na projeção de uma identidade cultural para o continente. Um dos problemas colocados neste sentido é o dilema exposto pelo paradoxo local/universal, com suas variantes nacional/global, regional/vanguarda, etc. Este trabalho tem o objetivo de introduzir questões referentes à construção da identidade latino-americana a partir de dois momentos específicos: a utilização da idéia de transculturação (Ángel Rama), a partir dos anos 60/70 e o conceito de “culturas híbridas” (Canclini), que, através da análise da cultura chicana, incorpora a experiência de uma “minoría” desterritorializada para pensar as redes transcomunicacionais que, contemporaneamente, contribuem com o projeto de configuração da América Latina.

Palavras-chave:

- América Latina; transculturação; culturas híbridas

*“- ¿ No me oyes? - pregunté en voz baja.
Y su voz me respondió:
- ¿Dónde estás?
- Estoy aquí, en tu pueblo. Junto a tu gente. ¿No me ves?
- No hijo, no te veo.
Su voz parecía abarcarlo todo. Se perdía más allá de la tierra.
- No te veo.”*

(Pedro Páramo, de Juan Rulfo)

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



i - introdução

Uma das grandes discussões que sempre estiveram na ordem do dia ao pensar América Latina enquanto unidade conciliadora de projetos, acontecimentos e experiências foi a questão de uma identidade que se debatia conflituosamente entre os conceitos de particularidade e universalidade. “Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos.” (CÂNDIDO, 1976: 109) Tal questão é já antiga e familiar a muitas culturas periféricas que, ansiosas em dar conta de tal embate, investigam caminhos muitas vezes similares nos seus processos de expressão cultural.

Na América Latina, tal processo de constituição de identidade relaciona-se intrinsecamente a um projeto histórico colocado pela colonização, que, como diz Paz, transformou a América espanhola e portuguesa em “construcciones intemporales”², onde a realidade era tratada como uma substância estável, destinada a permanência, que resistisse a mudanças. Na distância físico-geográfica, alicerces de uma “terapia de la lejanía”³, outro distanciamento de ordem filosófica se colocava: a alteridade que contrapunha o ser europeu a um ser americano que se configurava a partir deste encontro. “Durante más de tres siglos la palabra americano designó a un hombre que no se definía por lo que había hecho sino por lo que haría.(...) Nuestro nombre nos condenaba a ser el proyecto histórico de una conciencia ajena: la europea.” (PAZ, 1972: 17) Na representação deste outro, “hecho no de palabras sino de murmullos y silencios”⁴, onde a curiosidade encurtava distâncias, o europeu observava uma América sob o signo da diversidade, do maravilhoso, o que garantia a especificidade do Novo Mundo ao mesmo tempo que reconstruía a própria consciência da Europa sobre si mesma (a partir da negação: o velho continente existia em função do que não existia nas novas terras...) “Esta actitud explica la transculturación americana de los mitos enraizados en la ‘nostalgia de las orígenes’ - como el Paraíso terrenal, el ‘cristiano primitivo’, la

² PAZ, Octavio. Puertas al campo. Barcelona: Seix Barral, 1972:17

³ A idéia de uma “terapia de la lejanía”, colocada por Daniel Boorstin em *The exploring spirit: America, the World, then, now* (Nova Iorque, Random House, 1976) introduz a questão de uma distância geográfica que se articula entre a sociedade que se deixa para trás e a que se constrói com o sentido de futuro. (Apud AINSA, Fernando. “Universalidad de la identidad cultural latinoamericana” In *Revista Culturas: Dialogo entre los pueblos del mundo*. Nova Iorque: UNESCO, 1991: 53.

⁴ PAZ, Octavio. “Una literatura trasplantada” In Sor Juana Ines de la Cruz - las trampas de la fe. México: Fondo de Cultura Económica, 1990. 3a. ed: 71.



condición *adánica* y la Edad de Oro- olvidados en Europa y recuperados con alborozo en América. En este caso, el Nuevo Mundo devuelve a Europa su condición primigenia.”⁵

Desta forma, a busca/conquista de uma identidade que desse conta de tamanha diversidade inserida num projeto violento de colonização, impôs ao continente alguns desafios. Como configurar-se enquanto personalidade cultural, perpassada por tantas intervenções e informações, sem perder aquilo que poderia definir uma organicidade identitária? O dilema do regional/universal se coloca então como um dos mais inquietantes desafios, calcados em dualidades que contrapõem paradoxos.

“Estas ideas contribuyen a que la identidad cultural de esta región, especialmente la resultante de las expresiones literarias, deba entenderse como una noción dinámica, reflejo de un proceso dialéctico permanente entre tradición y novedad, continuidad y ruptura, integración y cambio, evasión y arraigo, apertura hacia ‘otras’ culturas y repliegue aislacionistas y defensivo sobre sí misma, dinámica que se traduce en un doble movimiento: el centrípeto nacionalista y el centrífugo universalista.” (AINSA, 1991: 52)

A busca da “cor local”, em alguns momentos tornou-se um projeto de construção de Nação, colocando em risco, inclusive, a esfera da autoria. Machado de Assis, num artigo datado de 1873, já se mostrava preocupado com tais questões:

“Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, 1962: 804)

⁵ AINSA, Fernando. De la Edad de Oro a El Dorado - génesis del discurso utópico americano. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. 2a. ed: 63. Neste estudo, em um capítulo intitulado “El discurso de la alteridad americana”, o autor analisa o discurso fundador da alteridade americana a partir das cartas e do diário escritos por Colombo. Desta forma, ele propõe um processo que compreende três fases: um momento comparativo, em que há uma medição do outro (que se define pela surpresa); um momento de classificação deste outro (quando o americano é subjugado e inferiorizado pela palavra que lhe confere uma nomenclatura - “apoderamento semântico”); e um terceiro e último momento, de conversão e uniformização do nativo americano, conseguido através da catequização ou de seu extermínio.



Desde meados do século XIX, com a formação dos Estados Nacionais na América, o discurso articulado neste continente esboçava uma integração que imprimia uma marca de totalidade à América Latina. Os pensadores e intelectuais latino-americanos acabam ocupando um lugar de fala que abarca todo o continente, mesmo que estejam tratando de sua particular circunscrição nacional. A totalidade é uma característica marcante no pensamento e na produção intelectual deste continente. Se o processo de descolonização ia tomando forma, desde pontos-de-vista do jogo político *stricto-senso*, por outro lado, as fronteiras culturais muitas vezes não acompanhavam tais projetos tão irredutivelmente. A idéia de uma América Latina fazia parte do imaginário intelectual do que por aqui se forjava.⁶ Como conclui Ángel Rama, “inventar un país es lo de menos. Lo difícil es inventar una cultura.” (Apud PIZARRO, 1994: 176)

Ao “inventar” a cultura deste continente, os intelectuais latino-americanos se impregnaram de um sentimento de utopia, instância projetada para o futuro e que já formara o olhar europeu desde os primeiros momentos na América⁷. Esta utopia toma em certos momentos, na América Latina, um viés revolucionário, principalmente após os acontecimentos históricos dos anos 60: a incorporação do conceito de subdesenvolvimento nas ciências sociais e nas artes, o diálogo com os africanos, que emergiam de suas experiências de descolonização, a evidência de movimentos populares e dos discursos das minorias, a paradigmática Revolução Cubana e a projeção de um sonho de utopia latino-americana. Deste projeto, surgiria um novo homem, dotado de um romantismo que o impulsionaria rumo à libertação dos povos, impregnado de um sentimento de solidariedade terceiromundista. “A utopia revolucionária romântica do período valorizava acima de tudo a vontade de transformação, a ação dos seres humanos para mudar a História, num processo de construção do *homem novo*, nos termos do jovem Marx recuperados por Che Guevara.” (RIDENTI, 2000: 24).

⁶ É importante observar que as produções culturais nacionais latino-americanas iam ampliando seus limites discursivos, incorporando as questões continentais, de forma que a identidade latino-americana se configurava simultaneamente às identidades nacionais. Como exemplo, na literatura temos *Nuestra América* de José Martí (1888). Aliás, com Martí a idéia de latinoamericanidade incorpora as experiências indígenas e afroamericanas. O movimento indigenista, da região andina e colocado pela revolução Mexicana, dá forte contribuição neste sentido. Isso tudo faz com que a noção de América Latina seja um conceito sempre aberto, em evolução (PIZARRO, 1994).

⁷ Há uma idéia de novo, de “tábula rasa” que está presente no processo fundacional da América: a juventude, a inocência, a nudez, o primitivismo adânico que sugeria ao europeu a idéia de recriar o ser humano a partir da experiência da colonização, sob o seu próprio paradigma, projetado para uma utopia do futuro. (AINSA, 1998)



Partindo destas questões acima colocadas, referenciados por uma discussão em torno da idéia de “identidade latino-americana”, o presente trabalho tem como objetivo principal trazer a tona, num primeiro momento, as discussões a respeito de uma identidade que se articula na construção de um binômio particular/universal. De que maneira a produção cultural e o exercício intelectual latino-americanos dão conta de tal desafio? “La única manera de ser provechosamente nacional consiste en ser generosamente universal, pues nunca la parte se entendió sin el todo. (...) A esta universalidad enraizada se dirige vigorosamente la literatuta latinoamericana de hoy”, afirmava Alfonso Reyes em 1932. (*Apud* AINSA, 1991: 57-58)

Mapeando tais discussões, propomos analisar um momento histórico específico em que o intelectual latino-americano se depara com propostas de universalidade sem deixar de imprimir uma marca local que dê conta de um projeto continental. Nesta análise, apresento as discussões em torno de um projeto específico de construção de identidade latino-americana formulado ao redor dos acontecimentos emblemáticos dos anos sessenta, em que a noção de subdesenvolvimento imprimiu um cunho pessoal à cultura latino-americana, sem deixar que tal proposta perdesse a dimensão do universal. Para isto, formulo meus argumentos a partir do arcabouço teórico desenvolvido pelos críticos literários Angel Rama e Antônio Cândido, que imbuídos da mesma perspectiva latino-americana, incorporam a experiência da nossa expressão periférica como signo de uma identidade que se propõe ao mesmo tempo regional e universal.

Um outro momento é colocado pelos desafios da contemporaneidade e suas expressões pós-modernas, em que a globalização e a desterritorialização anunciam a criação de um não-lugar como articulador de uma (não)identidade. Neste segundo aspecto, a discussão do local/universal é resignificada e projetada para uma dimensão que ameaça desconstruir a própria noção de identidade, chegando a desautorizar a necessidade de se trabalhar com tal conceito. Neste jogo de desconstrução/reconstrução do discurso latino-americano, aparece contemporaneamente o conceito de “culturas híbridas”, de Nestor García Canclini, que propõe pensar América Latina a partir de novas chaves de análise sem desprezar, todavia, a nossa condição de cultura de margem e incorporando a experiência da cultura chicana que traz novas contribuições para as discussões em torno da idéia de latino-americanidade.

ii - “uma parte de mim é todo mundo”⁸

⁸ Verso do poema Traduzir-se, de Ferreira Gullar.



A articulação entre o regional e o universal vai chegar aos anos sessenta absolutamente imbuída de todas as experiências estéticas e revolucionárias que aquela década projetou. Desta forma, a inteireza de um conceito de identidade latino-americana nunca esteve, talvez, tão presente como naquele momento. Em todos os âmbitos da expressão cultural, da nossa criação artística e da nossa produção intelectual estava fortemente presente uma idéia de América Latina, que então já se articulava com certa desenvoltura com linguagens e experiências estéticas e discursivas internacionais, não só européias mas também originárias de outros “terceiros mundos”.

A experiência latino-americana alimentada em suas diversidades, alteridades, diferenças e particularidades encontrava a unidade na articulação da idéia de subdesenvolvimento. Este continente imprimiu um projeto organicamente estruturado quando incorporou sua condição de periferia às demandas estéticas que então se colocavam. Por um momento, o intelectual latino-americano e a expressão artística destas terras pareciam ocupar o núcleo principal da cultura ocidental.

A noção de “país novo”, que norteava um determinado projeto cultural, é substituída pela noção de “país subdesenvolvido”, que vai propulsar o nosso pensamento intelectual. A “grandeza” e a “pujança” saem de cena, dando lugar a uma realidade atrofiada e carente. Passa-se da fase da “consciência amena do atraso” para a fase da “consciência catastrófica de atraso”. (CÂNDIDO, 2000). Isso altera radicalmente a visão sobre si mesmo. A América Latina dava lições de caminhos possíveis. A experiência da Revolução Cubana, em 1959, torna-se paradigmática em todo o continente e o projeto de uma utopia revolucionária contamina a nossa produção cultural. O empenho dos intelectuais latino-americanos era o de reconstruir este continente sobre novos alicerces.

Com base em toda esta reflexão, acreditando que a identidade latino-americana estava justamente em buscar nas dicotomias arcaico/moderno, regional/universal, paradoxos que traduzissem o teor de nossa reflexão histórica, o crítico literário uruguaio Ángel Rama cunha, para pensar nosso sistema literário⁹, o conceito de “transculturização”¹⁰. A necessidade surgida nos anos

⁹ O conceito de sistema literário foi pensado por Antônio Cândido em Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

¹⁰ Estas reflexões de Ángel Rama a respeito dos agentes transculturadores na literatura latino-americana estão colocadas no texto intitulado *Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana*, publicado pela primeira vez na *Revista de Literatura Hispanoamericana* n. 5, Universidad del Zulia, Venezuela, abril de 1974.



sessenta de apontar nossas diferenças também deu origem à necessidade de nomearmos-nos. Rama admite que os conceitos são limitados, o que importa é a reflexão histórica que neles está presente¹¹. Tal conceito havia sido apropriado de Fernando Ortiz, sociólogo cubano que, em 1940 publica seu estudo *Contrapunteo Cubano del tabaco y el azúcar*, no qual, propondo-se a refletir sobre a cultura e história cubanas, sugere substituir o termo “aculturação” por “transculturação”. Para Ortiz, o fenômeno cultural cubano, e por extensão, o latino-americano, apresenta uma complexidade histórica, por conta da ingerência e atravessamentos culturais promovidos pelo processo de colonização, que não cabem no conceito americano de *acculturation*. O processo aculturador prevê uma perda e um apagamento de uma cultura precedente, onde haveria uma “desculturação”¹² desta e sua conseqüente “neoculturação”, quando novos fenômenos culturais são criados. O que teria ocorrido em Cuba, e transportado para a análise literária latino-americana feita por Rama, seria um processo no qual a cultura forjada a partir do processo de colonização sintetizaria a participação e a contribuição de diversas culturas em âmbitos e esferas distintas. Desta maneira, a América Latina era vista sob uma ótica transcultural, na qual a memória dos povos pré-ibéricos da América e dos povos africanos que para cá vieram não era silenciada, mas sintetizada a partir do encontro de culturas empreendido pelo processo de colonização, “todos en trance doloroso de transculturación a un nuevo ambiente cultural.”(ORTIZ, 1983: 90).

Este aporte teórico desenvolvido por Rama propunha uma chave de análise tendo a literatura como objeto de estudo, mas podendo ser estendido para outras produções culturais (como fazia Traba com as artes plásticas). A transculturação dava conta, então, do dilema regional/universal que se colocava na literatura, garantindo ao mesmo tempo pensar as literaturas nacionais a partir das discussões estéticas colocadas num horizonte universal. Em um texto sobre Borges, Sarlo analisa sua obra sob o prisma desta dualidade nacional/universal e conclui que o escritor vê no cosmopolitismo uma estratégia para a existência da literatura argentina, colocando

¹¹ Esta discussão está implicada com as questões colocadas pela crítica de arte argentina Marta Traba, esposa de Rama, que, como ele, também trabalhava o panorama das artes plásticas latino-americanas partindo do conceito de transculturação, propondo uma “estética da reflexão”.

¹² O termo original em espanhol, utilizado por Ortiz e citado por Rama, é *desculturación*. A tradução do texto de Rama ao português, feita por Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto optou por usar o termo *desaculturação* (em AGUIAR, Flavio e VASCONCELOS, Sandra G.T.(orgs.). Ángel Rama - literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2001). Neste ensaio, eu preferi manter a tradução ao pé da letra, *desculturação*, para que seja evitada uma possível dúvida semântica na utilização da partícula negativa a, que poderia indicar um processo inverso ao de aculturação.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sua literatura numa zona de fronteira, uma margem que ocupa um lugar no centro da cultura ocidental.

“Desde la periferia, imagina una relación no dependiente respecto de la literatura extranjera, y está en condiciones de descubrir el ‘tono’ rioplatense porque no se siente un extraño entre los libros ingleses y franceses. Desde un margen, Borges logra que su literatura dialogue de igual a igual con la literatura occidental. Hace del margen una estética.”
(SARLO, 1995)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Tais questões também foram freqüentes em Cortázar, que produziu quase toda sua obra em Paris, onde morou por quase toda a vida. Muito criticado por sua opção de viver e produzir fora de seu país, o escritor compreendia que tal afastamento físico se por um lado lhe desincumbia de um certo compromisso imediato com a problemática local, perdendo assim força em um certo contexto imediato, por outro, lhe garantia uma lucidez de uma visão mais planetária, "a veces insoportable pero siempre esclarecedora" (CORTÁZAR, 1967). Rejeitando uma certa literatura regionalista, nacionalista, "telúrica" que corria o risco de cair num processo de contrapor o próprio país ao resto do mundo, ou de afirmar uma raça contra as outras, Cortázar reconstruiu uma América Latina com sua experiência a partir da Europa. Profundamente marcado pelos acontecimentos projetados pela Revolução Cubana e pela Guerra da Argélia, o escritor manifesta em uma carta datada de 1967 a Roberto Fernandez Retamar seu processo pessoal de tomada de consciência que o faz vincular-se cada vez mais a uma opção socialista, apesar de admitir sua origem burguesa. Em Cortázar, de uma certa maneira, estava resolvida a questão de um intelectual vigorosamente engajado com as questões de seu tempo, crente no projeto de um novo homem que nascia a partir do romantismo revolucionário dos anos sessenta, que construía seu projeto pessoal de América Latina, sem abrir mão de um horizonte que se projetava além das fronteiras geográficas de seu próprio continente, dando conta do aparente paradoxo de descobrir-se latino-americano a partir de suas experiências na Europa. "Pero esta paradoja abre una cuestión más honda: la de si todo parece poder abarcarse con una especie de ubicuidad mental, para ir descubriendo poco a poco las verdaderas raíces de lo latinoamericano sin perder por eso la visión global de la historia y del hombre." (CORTÁZAR, 1967).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A experiência de Cortázar, que vem apresentar novas questões acerca da "fidelidade local e mobilidade mundial", confirma a possibilidade de uma reflexão transnacional, na qual o amadurecimento de um projeto cultural estabelece caminhos construídos por diversas contribuições, reafirmando nos escritores latino-americanos uma consciência da unidade na diversidade. (CÂNDIDO, 2000).

"Aí, o romancista do país subdesenvolvido recebeu ingredientes que lhe vêm por empréstimo cultural dos países de que costumamos receber as fórmulas literárias. Mas ajustou-as em profundidade ao seu desígnio, para representar problemas de seu próprio país, compondo uma forma peculiar. Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bem comum através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma interdependência." (CÂNDIDO, 2000: 155)

A postura de Cortázar, e de certa maneira de Borges também, não era a única via de resolver o paradoxo regional/universal. A vinculação a uma estética regionalista, voltando-se às questões aparentemente mais específicas do interior de suas nações também era um caminho possível de se trilhar rumo a uma proposta que fizesse sentido àqueles que estivessem além das fronteiras de uma comunidade andina, de um povoado nas mesetas mexicanas, de um sertão.¹³

¹³ É importante pensar que todas estas questões em torno do conceito de subdesenvolvimento impregnando a produção cultural latino-americana, aliada ao diálogo com as estéticas européias construíam uma idéia bem marcada e definida de América Latina nos anos sessenta. Isso não se percebeu somente na literatura, quando ocorreu o "boom" da literatura latino-americana no mercado internacional, mas também em outras áreas de expressão artística, como no cinema, por exemplo, que teve uma expressão fortíssima nesta época, com os cinemas novos latino-americanos. Foi um momento de grande engajamento político e diálogo com os intelectuais europeus. As vanguardas cinematográficas latino-americanas transbordaram a década com inúmeros manifestos em torno de um cinema popular de ruptura com o cinema de mercado. Glauber Rocha lança seu manifesto *Estética da fome* (1965); Fernando Solanas, *Hacia un tercer cine* (1967); Julio García Espinosa, *Por un Cine Imperfecto* (1969); Tomás Gutiérrez Alea, *Dialética del espectador*. Ver AVELLAR, José Carlos. A Ponte Clandestina - teorias de cinema na América Latina. São Paulo: Edusp, 1995.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

José Maria Arguedas, vinculado ao regionalismo, que acusava Cortázar de haver voltado às costas à realidade latino-americana, , jamais deixou de pensar a partir das suas experiências nos primeiros anos de vida junto às comunidades peruanas de língua quechua. Sua literatura, porém estava profundamente comprometida com seu tempo. E seu tempo não estava presente somente no interior de uma comunidade indígena andina. Considerado, segundo a análise de Rama, um dos grandes agentes transculturadores da literatura latino-americana¹⁴, Arguedas conseguia falar ao mundo, falando de seu povo. A identidade latino-americana, para tais intelectuais, partia do interior mais arcaico de suas tradições e se descolava, na incorporação das linguagens que rompiam com o arcaico, desta aldeia perdida no recôndito mais profundo deste continente. Faziam esta trajetória carregando consigo uma realidade de periferia rumo a um horizonte universal. Em seu discurso de agradecimento ao receber o premio "Inca Garcilaso de la Vega", em 1968, Arguedas se apresenta: "Yo no soy un aculturado; yo soy un peruano que orgullosamente, como un demonio feliz habla en cristiano y en indio, en español y en quechua." (ARGUEDAS, 1993: 98)

Dessa maneira, Arguedas percebia que quanto mais próximo da realidade de seu povo, de onde havia construído suas raízes mais interiores, mais responsabilmente poderia se aproximar dos elementos da cultura universal sem perder o verdadeiro comprometimento com o que ele considerava ser a cultura nacional-popular.

¹⁴ Ángel Rama analisa a obra de quatro "agentes transculturadores" latino-americanos, que, filiados a uma tradição regionalista, ampliaram os horizontes de suas obras incorporando elementos das novas experiências estéticas literárias, conseguindo superar a dicotomia regionalismo/universalismo. São eles José Maria Arguedas, Juan Rulfo, Guimarães Rosa e Gabriel García Márquez.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ao se colocar tais questões referentes ao nacional-popular na literatura latino-americana, não se pode deixar de enfatizar que há uma grande disparidade quando pensamos um sistema literário latino-americano, feito em espanhol ou português. Ao se pensar este sistema, deixamos de lado todas as experiências de literatura feita em língua não européia e, mais importante, a nossa tradição de oralidade, que se vê excluída do ideal de "unidade" latino-americana, artificial e excludente. Se há uma certa representatividade da literatura culta latino-americana, por outro lado ela não dá conta de uma totalidade histórica formada por uma desintegração social. Não há como ignorar os índices de analfabetismo no continente, assim como o já citado papel da oralidade e das experiências do que Darcy Ribeiro chamava de nossos "povos testemunhos"¹⁵. Desta forma, se formos pensar em identidade latino-americana a partir da experiência de uma literatura feita no continente, não só podemos deixar de abarcar as noções de literaturas regionais e nacionais, mas também é absolutamente necessário que pensemos a respeito do que Cornejo Polar nomeia de "totalidades contraditórias", que tais sistemas carregam.

¹⁵ O conceito de "povos testemunhos" foi trabalhado por Darcy Ribeiro em *As Américas e a Civilização*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A categoria de "unidade" já se sabe excludente, por priorizar a experiência de uma cultura forjada na metrópole "transplantada" para a América, ignorando suas dissidências. A categoria de "pluralidade", tão festejada em nossa cultura, pode tornar-se imprecisa, se tratarmos as experiências nativas de uma maneira isolada e independente, como se houvesse apenas uma justaposição do sistema cultural europeu ao nativo, ainda que a idéia de "pluralidade" reivindique a importância histórica, social e cultural das línguas nativas. Cornejo Polar propõe uma terceira categoria ao se pensar o sistema literário latino-americano, para evitar que tal conceito de América Latina se converta numa idéia neutra: a "totalidade contraditória" que consistiria em historicizar a pluralidade, estabelecendo a relação entre as diversas produções culturais latino-americanas dentro do processo histórico forjado pela Conquista, enfatizando os conflitos e as contradições que tal processo acarretaria, recuperando desta forma uma totalidade concreta e histórica. "De esta suerte, sin fingir una homogeneidad a todas luces inexistente, se recobra la posibilidad de comprender globalmente, como un todo, a la literatura latinoamericana." (CORNEJO POLAR, 1987: 128)

iv - "outra parte é ninguém, fundo sem fundo"

Pensando a contemporaneidade, pretendemos nesta parte do trabalho apontar algumas discussões que vem ocorrendo a respeito de identidade na América Latina. As estratégias de pensarmos-nos já pós-modernos implica no deslocamento do conceito de identidade, projetada agora ao "não-espaco" forjado pela desterritorialização imposta pela globalização.

As últimas décadas do século XX experimentaram a reorganização de seus espaços a partir de um novo conceito de soberania colocado sob a perspectiva de uma desterritorialização e a projeção de suas inter-relações. Esta nova modalidade de soberania, imperial, prevê uma expansão de todos os espaços - sejam eles físico-geográficos, políticos, econômicos, conceituais, filosóficos,



culturais – trabalhando com a idéia de que *o espaço é sempre aberto*, como o concebem Hardt e Negri (HARDT e NEGR, 2001). Junto a isso, a segunda metade do século foi testemunha de um grande deslocamento populacional incentivado pelas dinâmicas estabelecidas a partir dos novos reagrupamentos e configurações de forças. Novos êxodos e diásporas se desenharam, forçando limites e reconfigurando espaços. Muitos latino-americanos chegaram à fronteira norte do México, conseguindo ultrapassar para o lado do território dos EUA. E por todos os lados do planeta as multidões se deslocavam, e com elas, suas culturas, o que provocou uma experiência de disseminação cultural em muitas partes do globo. Este processo acarretou mudanças no interior do repertório cultural dos povos, e conseqüentemente, na idéia tão fortemente demarcada de “fronteiras culturais”.

Todas estas questões a respeito dos limites fronteiriços estão intimamente imbricadas com as novas reconfigurações projetadas por experiências nas quais o hibridismo amalgama o processo de reconfiguração de identidades.

“Os domínios concebidos como dentro e fora e a relação entre eles são configurados diferentemente, numa variedade de discursos modernos. A concepção espacial de interior e exterior, entretanto, parece-nos ela própria uma característica geral, de fundação, do pensamento moderno. Na passagem do moderno para o pós-moderno, e do imperialismo para o Império, é cada vez menor a distinção entre o dentro e o fora.” (HARDT e NEGRI: 206)

O fenômeno da desterritorialização provocou uma quebra no conceito de comunidade nacional, tornando-se difícil localizar antropológicamente a linearidade de costumes e culturas. O repertório de costumes, mitos, práticas, que formavam um universo simbólico que podia ser classificado pela Antropologia Clássica como formador de uma identidade, não dá mais conta de classificações neste momento. Tais repertórios tornaram-se transculturais, implodindo o conceito de fronteiras delimitadas, que não têm correspondência exclusiva com os territórios em que se encontram e tampouco apresentam com estes uma relação de oposição. Isso deu origem a uma idéia que Mc Kensey chama de “região transfronteiriça”¹⁶, na qual em um mesmo grupo coexistem vários códigos simbólicos, garantindo uma identidade multiétnica, transitória, mutante e migrante, formada por elementos cruzados de várias culturas. A definição deixa de ser unicamente

¹⁶ Mc KENSEY et alii. *Apud* CANCLINI, 1993



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

socioespacial para assumir-se sociocomunicacional, atuando em redes comunicacionais deslocalizadas.

“Sólo una antropología para la que se vuelvan visibles la heterogeneidad, la coexistencia de varios códigos simbólicos en un mismo grupo y hasta en un solo sujeto, así como los préstamos y transacciones interculturales, será capaz de decir algo significativo sobre los procesos identitarios en esta época de globalización.” (CANCLINI, 1993: 44)

Essa rede transcomunicacional projetada pela migração e pela tecnologização das relações, inseridas num espaço urbano no qual convivem todas as temporalidades históricas simultaneamente, acarreta uma desarticulação das coleções de signos que antes, na modernidade, estavam vinculados aos conceitos de “culto”, “popular”, e, ainda, “massivo”. Tais repertórios de bens simbólicos se “descolecionam”, implodindo as classificações que distinguiam anteriormente as três categorias citadas (culto, popular e massivo.) (CANCLINI, 2000)

Se ainda for possível, ou fizer sentido, pensar a América Latina em termos de “identidade”, há que se relativizar o conceito de comunidade e adotar a noção de “circuito” e “fronteira”, que possam dar conta do processo de “hibridação” proposto por Canclini, processo esse que se forja através da “quebra e mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros.”

Neste contexto, Canclini analisa o fenômeno identitário colocado pela cultura chicana, que se projeta como uma cultura de fronteira¹⁷. A idéia de hibridização cultural está colocada já na transposição das fronteiras e será percebida pelo processo bicultural e transcultural, além de um bilingüismo e biconceitualismo que caracterizam a expressão da cultura chicana, impressada entre a cultura anglo-americana e a cultura mexicana. Isso proporciona a impregnação de uma idéia de síntese e fragmentação, simultaneamente, na qual a cultura desterritorializada buscará seu não-lugar, ocupando de maneira incisiva um novo *locus* de expressão, configurado por uma identidade



sempre em trânsito. A fronteira assume, desta forma, um sentido de encontro de realidades. Essa idéia é interessante a partir de um ponto de vista histórico que nos informa acerca de uma cultura que se expressa trazendo em si a marca de uma relação desigual na qual a violência é exercida no confronto com um outro. Portanto, a cultura chicana absorve os códigos culturais de minorias excluídas do exercício do poder e tatuam as marcas das discussões raciais, étnicas, de gênero, meio-ambiente, religiosas, sexualidade, política do corpo, língua, etc. Os pontos de discussão entre fronteira, gênero e classe são problematizados simultaneamente, provocando o questionamento em torno da experimentação de identidades alternativas. “También sugieren que, cuando no hay manera de regresar “a casa” , los espacios para la exploración y la articulación de identidades híbridas deben construirse, junto con los diálogos en conflicto que raza, clase y género producen dentro de los sistemas de significación y estructuras de poder representados dentro de estos espacios.” (TORRES, 2000: 17)

O último quartel do século XX presenciou um enorme crescimento do movimento clandestino de cruzamento da fronteira México-Estados Unidos. Milhões de latinoamericanos, principalmente mexicanos, arriscaram (e continuam arriscando) suas vidas entrando clandestinamente pelo sudoeste dos EUA, ajudados por *coyotes*¹⁸. A principal rota é o caminho Tijuana-San Diego¹⁹. A fronteira é fortemente vigiada pela polícia, que não vacila em matar os imigrantes quando tem oportunidade. A marca da violência forja definitivamente a memória cultural da experiência chicana. O conceito de fronteira carrega, então o sinal de morte e de vida, a possibilidade de fim e a esperança de um reinício, traduzindo os paradoxos e contradições que estão presentes no interior da cultura fronteiriça.

As rearticulações que se colocam na produção cultural na América Latina já não estão mais circunscritas a marcos nacionais ou regionais, destituídos os conceitos de nação e território,

¹⁷ A experiência chicana foi historicamente iniciada pela política expansionista dos EUA no meado do século XIX, que se apropriou de grande parte do território mexicano (os atuais estados de California, Arizona, Novo México, Texas, e parte de Utah e Colorado). Tal encontro se deu a partir da violência, marca incontestável no desenvolvimento da cultura chicana. As ondas migratórias de latino-americanos aos EUA, ocorridas nas últimas décadas do século XX só vieram acirrar e sublinhar a exclusão e a violência que se articulam neste encontro multicultural. Desta forma, a experiência chicana, a partir da idéia de desterritorialização provocada pela desarticulação de fronteiras colocada pela globalização, contribui para a discussão em torno de uma “identidade latino-americana” na pós-modernidade.

¹⁸ Coyote é o nome dado àqueles mexicanos que se profissionalizaram em cruzar a fronteira orientando pequenos grupos de imigrantes clandestinos.

¹⁹ Segundo Gómez-Peña, em um artigo datado de 1986, nos arredores da cidade de San Diego eram apreendidos cerca de 2.300 mexicanos indocumentados diariamente.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

recolocados a partir do poder tecnológico. E cabe, inclusive, pensar se a idéia de uma identidade latino-americana ainda é colocada como assunto de pauta na discussão entre nossos artistas e intelectuais.

Canclini, que tem como objeto de estudo os processos de hibridação e não o hibridismo em si, concorda com o fato de que deve ser relativizada a noção de identidade. Afirmar os processos de hibridação é esvaziar a idéia de identidade “autêntica”, tal como a concebe uma forte tendência da Antropologia assim como alguns enfoques de pesquisadores implicados com os Estudos Culturais. Desta forma, o autor propõe um deslocamento de objeto de estudo, de identidade para a heterogeneidade e hibridação interculturais. Tais processos se articulam às questões relacionadas à industrialização e à massificação globalizada dos processos de significação, que se colocam em redes transcomunicacionais desterritorializadas, e carregam dentro de si as discussões referentes à mestiçagem, criolização, sincretismo, transculturação, e todas as contradições que o uso destes conceitos apresentam. As grandes cidades, palco dos processos mais interessantes de hibridização, apresentam “fronteiras porosas”, permeáveis às redes transcomunicacionais, viabilizadoras dos processos que impulsionam as culturas híbridas, que então liberariam as análises culturais de seus processos de fundamentalismos identitários. (CANCLINI, 2000).

v - conclusões



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

As questões em torno do processo de produção de bens simbólicos que dotariam uma cultura de uma identidade chega na contemporaneidade de uma forma bastante complexa. As discussões em torno de fronteira/identidade ganham novos contornos a partir da re-significação dos espaços de construção dos bens simbólicos, agora desterritorializados pelo processo de globalização experimentado pela pós-modernidade, que institui a tecnologização das redes transcomunicacionais como paradigma para produção de sentidos. Desta forma, fronteiras implodidas, virtualizadas, descosturadas, re-significadas, a própria idéia de identidade é questionada, colocando-se o eixo de discussão em torno da noção de legitimidade e de mercado dos bens simbólicos. Se um novo conceito de cultura forjado na experiência de uma fronteira é sistematizado, ou seja, pensar uma cultura que traz a idéia de fronteira na sua própria configuração, desterritorializada, então já há indícios de que uma provável re-territorialização ganhe corpo e se projete num esforço de reconfiguração identitária.

A experiência da cultura chicana comprova o que talvez seja um processo de reivindicação de identidade forjada a partir da transculturalidade sublinhada pela marca do exercício da violência, na qual as temporalidades históricas se apresentam simultaneamente: um passado ancestral mexicano, mestiço, patriarcal, machista, subdesenvolvido, e uma projeção de futuro estampada no desejo de melhores possibilidades de vida numa cultura (já não tão) branca, anglo-americana, auto-proclamada democrática... A história chicana introduz a questão da identidade em outras chaves de discussão, na qual observamos a formação de um *ethos* calcado num movimento constante e ininterrupto de "cruzar a fronteira", sem pertencer a nenhum dos dois lados, o que sugere uma cultura forjada e estabelecida em um *não-lugar*. Esta experiência tem sido incorporada ao se discutir a idéia de identidade latino-americana atualmente, por incorporar questões de exclusão, violência, minorias, periferia e marginalização na sua constituição, além de projetar uma realidade de (des)encontro do continente latino-americano com um outro que, apesar das diversidades, nos parece cada vez menos incomum.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

vi - bibliografia consultada

- AGUIAR, Flavio e VASCONCELOS, Sandra G. T. (orgs.) Ángel Rama - literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2001.
- AINSA, Fernando. "Universalidad de la identidad cultural latinoamericana" In Revista Culturas - Diálogo entre los pueblos del mundo. UNESCO, 1991.
- _____. De la edad de Oro a El Dorado - génesis del discurso utópico americano. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/la frontera. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987.
- ARGUEDAS, José Maria. Breve Antología didáctica. Lima: Editorial Horizonte, 1993.
- BORGES, Jorge Luis. Obras Completas - tomo I. Barcelona: Emecé editores, 1989.
- CANCLINI, Néstor García. "Museos, aeropuertos y ventas de garage. Las identidades culturales en un tiempo de desterritorialización". In: FONSECA, Cláudia (org.) Fronteiras da cultura. Porto Alegre: UFRGS, 1993, pp.41-51.
- _____. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.
- _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CORNEJO POLAR, Antonio. "La literatura latinoamericana y sus literaturas regionales y nacionales como totalidades contradictorias" In PIZARRO, Ana (coord.). Hacia una historia de la literatura latinoamericana. México: El Colegio de México, 1987.
- CORTÁZAR, Julio. "Situación del intelectual latinoamericano." Carta aparecida originalmente em *Casa de las Américas* n. 45 (1967) e em *Último Round*, de Julio Cortázar. (disponível em <http://www.literatura.org/Cortazar/escritos/intelectual.html>)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- DE GRANDIS, Rita. "Incursiones en torno a hibridación, una propuesta para discusión: de la mediación lingüística de Bajtín a la mediación simbólica de Canclini." (disponível em <http://lanic.utexas.edu/project/lasa95/grandis.html>)
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ORTIZ, Fernando. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- PAZ, Octavio. Puertas al campo. Barcelona: Seix Barral, 1972.
- _____. Sor Juana Ines de la Cruz - las trampas de la fe. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- PIZARRO, Ana. De ostras y canibales - ensayos sobre la cultura latinoamericana. Santiago: Editorial de la Universidad de Santiago, 1994.
- RAMA, Ángel. Transculturación narrativa en América Latina. México: Siglo veintiuno editores, 1987.
- RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SALDÍVAR, J. D. Chicano Border Narratives as Cultural Critique. The Dialectics of Our America. Genealogy, Cultural Critique, and Literary History. Durham & London: Duke U P, 1991.
- SARLO, Beatriz. "Borges la lengua franca" In Borges, un escritor en las orillas. Buenos Aires: Ariel, 1995. (disponível em http://www.librosenred.com/novedad.asp?id_articulo=70)
- _____. Cenas da vida pós-moderna. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- TORRES, Sonia. *Crónicas de viaje chicanas: The Mixquiahuala Letters de Ana castillo y Paletitas de guayaba de Erlinda González-Berry*. Trad. Eva Cruz. In DRISCOLL et al, orgs. Límites sociopolíticos y fronteras culturales en América del Norte. Cidade do México: UNAM/CISAN, 2000.